

Resumos e notas biográficas :

Maria Antónia Mota – Universidade de Lisboa

O que nos ensina a comparação entre variedades do português?

Nesta apresentação, focam-se aspetos da variação linguística observada em português, exemplificando-a com dados atestados em diferentes domínios e subdomínios da gramática, junto de falantes que se inscrevem em diferentes enquadramentos geográficos e socio-históricos (variação atestada em *corpora* orais e escritos de variedades europeias e extraeuropeias, nomeadamente aquelas que conhecem, ainda hoje, situações de contacto linguístico). A esse propósito, referem-se alguns aspetos metodológicos associados à recolha de dados empíricos, de cuja qualidade e fiabilidade depende, em grande parte, o poder explicativo de posteriores análises sobre as propriedades gramaticais de diferentes variedades do português. Evidenciam-se os conceitos de *convergência* vs. *divergência* como elementos da variação atualmente observada e como fator explicativo do sentido da mudança linguística, para se concluir com uma reflexão sobre os conceitos de *língua*, de *norma(s)* e de *uso(s)*.

Maria Antónia Mota é doutorada em Linguística Geral pela Universidade de Lisboa. Atualmente professora associada aposentada da Faculdade de Letras de Lisboa, é coordenadora científica, pela Universidade de Lisboa, da Licenciatura em Estudos Portugueses da Universidade Mohammed V de Rabat e membro integrado do Grupo de Diacronia e Dialectologia do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL). Ao longo do tempo, tem coordenado/integrado vários projetos de investigação, nacionais e internacionais, em particular sobre a variação linguística em português, tendo ainda feito parte da Comissão Organizadora da *Gramática do Português* (CLUL/Fundação C. Gulbenkian).

Perpétua Gonçalves – Universidade Eduardo Mondlane

Situação linguística de Moçambique: uma avaliação qualitativa

Os vários Censos Populacionais realizados em Moçambique ao longo dos últimos 40 anos (1980, 1997, 2007, 2017) têm sido tomados como fonte principal sobre a sua situação linguística, nomeadamente sobre a percentagem de falantes de línguas bantu e de Português, em articulação com diferentes variáveis (área de residência, sexo, idade). Apesar da importância indiscutível destas informações quantitativas, elas deixam em aberto a resposta a questões cruciais sobre o perfil linguístico da população, que podem permitir fazer uma avaliação mais consistente da situação linguística do país.

Foi procurando avançar numa perspetiva qualitativa que se realizou, em 2016-2019, um primeiro estudo exploratório sobre os falantes moçambicanos bilingues, do ponto de vista sociolinguístico, sociocultural e linguístico (Chimbutane *et al.* 2019). A seleção desta comunidade como alvo da pesquisa prende-se com duas razões principais: por um lado, de acordo com o Censo de 2007, estes falantes bilingues representavam já cerca de 40% da população moçambicana; por outro lado, os falantes bilingues têm um papel determinante no multilinguismo do país, já que eles podem

transmitir, ou não, as suas L1 às gerações seguintes (Romaine 1995). Neste estudo, foram auscultadas duas gerações de três centros urbanos: representantes da “geração pós-independência” (270 estudantes universitários, aos quais foi aplicado um inquérito); representantes da “geração dos pais” (53 informantes de diversos setores profissionais, com os quais foram realizados encontros focais).

Nesta comunicação, apresentam-se alguns resultados do inquérito aplicado à “geração pós-independência” sobre diversos temas: tipos de bilinguismo e multilinguismo; “padrão de escolha” quanto ao uso do Português e das línguas bantu; percepções sobre a importância do conhecimento e uso do Português e das línguas bantu; transmissão do Português e/ou das línguas bantu à geração seguinte.

Uma conclusão geral que se pode extrair das respostas a este inquérito é que tanto o uso do Português como o das línguas bantu são avaliados positivamente pelos jovens inquiridos, apontando assim para uma geração que convive, de forma harmoniosa, com o seu bilinguismo.

Chimbutane, F.; Gonçalves, P.; Langa, D. 2019. Comunidade moçambicana bilingue L1 Bantu Português L2: Estudo exploratório – Relatório Final. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane. (não publicado)

Romaine, S. 1995. *Bilingualism*, 2nd edition. Oxford/Cambridge: Blackwell.

Perpétua Gonçalves é professora catedrática (reformada) da Universidade Eduardo Mondlane (UEM). De 2009 a 2020, foi diretora da Cátedra de “Português Língua Segunda e Estrangeira” (UEM/Camões - Instituto da cooperação e da Língua). Doutorada em Linguística Portuguesa pela Universidade de Lisboa (1991), tem realizado pesquisa sobre o Português de Moçambique, em diferentes perspetivas: descritiva, diacrónica, cognitiva e didática.

Sébastien Rozeaux – Université Toulouse Jean Jaurès

Reflexões sobre o luso-brasileirismo no século XIX : uma lusofonia "avant la lettre".

O luso-brasileirismo surge como ideia chave para se pensar as relações culturais luso-brasileiras a partir de meados do século 19. A partir de uma perspectiva de história conectada, atenta às realidades culturais de ambos lados do Atlântico, essa apresentação permitirá apresentar as origens e os significados da chamada "fraternidade luso-brasileira" na hora de se pensar os intercâmbios crescentes e às vezes tensos entre ambos países. Assim poderemos ver em que medida essa ideia pode se comparar com a da lusofonia, conceito novo que emerge um século mais tarde em Portugal, após o fim da ditadura e a queda do império colonial.

Sébastien Rozeaux é historiador, professor adjunto na Université Toulouse Jean Jaurès. Especialista da história contemporânea do Brasil, publicou recentemente *Préhistoire de la lusophonie* (Le Poisson volant, 2019 - Hucitec, 2022), além de artigos em revistas francesas, brasileiras e portuguesas, sobre história cultural e história transnacional das construções identitárias no século XIX.

As identidades transnacionais e transculturais. A lusofonia enquanto olhar pós-colonial e como possibilidade intercultural

“Eu sou é das palmeiras(...)! Nem angolana, nem brasileira, nem portuguesa! Onde há uma palmeira eu sou de lá! Sou do mar e das florestas e das savanas” (Aqualusa, 2020, p. 16)

A identidade do “eu” está sujeita à presença de um “outro”, não de forma a apagar os seus próprios valores, mas a permitir a expansão das suas visões de mundo, já que o indivíduo se insere, ao mesmo tempo, no campo de visão de um “outro”. Por meio do conceito de transculturalidade (Welsch, 1999), sustenta-se a ideia de que as culturas estão em processo constante de interação e de mistura.

Esta comunicação, dedicada à problemática das identidades transnacionais e transculturais, utiliza o conceito de “lusofonia” para tentar perceber o fenómeno. Aborda-se, assim, a lusofonia, enquanto “comunidade imaginada”, de carácter transcultural e transnacional (Martins, 2018), e como possibilidade intercultural, não obstante o seu difícil percurso afetado pelo luso-tropicalismo e pela 'portugalidade' (Sousa, 2017). Dá-se, ainda, como exemplo, o Museu Virtual da Lusofonia.

Aqualusa, J. E. (2020). *Os Vivos e os outros*. Lisboa: Quetzal Editores.

Martins, M. L. (2018). A lusofonia no contexto das identidades transnacionais e transcontinentais. *Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS*. Porto Alegre, v. 11, n. 1, 3-11, janeiro-março [<https://tinyurl.com/y63czeql>]

Sousa, V. (2017). *Da 'portugalidade' à lusofonia*. Famalicão: Húmus.

Welsch, W. (1999). Transculturality - the puzzling form of cultures today. In M. Featherstone and S. Lash (ed.), *Spaces of Culture: City, Nation, World*, pp 194-213. London: Sage.

Vítor de Sousa é doutorado em Ciências da Comunicação (Comunicação Intercultural), pela Universidade do Minho, com a tese *Da 'portugalidade' à lusofonia*, é mestre (especialização em Educação para os Média) e licenciado (especialização em Informação e Jornalismo) na mesma área. Entre as suas preferências de investigação constam as questões em torno da Identidade, Estudos Culturais, Educação para os Média e Teorias de Jornalismo. É investigador contratado do CECS-Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (Universidade do Minho), onde integra o Grupo de Estudos Culturais. É membro do Projeto “CulturesPast&Present - Memories, cultures and identities: how the past weights on the present-day intercultural relations in Mozambique and Portugal?” (FCT/Aga Khan), do Museu Virtual da Lusofonia e do Projeto Estratégico do CECS. É sócio da Sopcom, ECREA e da Associação dos Amigos da Biblioteca Municipal de Penafiel. Venceu, em 2016, o Prémio Científico Mário Quartim Graça, que distinguiu a melhor tese concluída nos últimos três anos na área das Ciências Sociais e Humanas, em Portugal e na América Latina. Foi jornalista (1986-1997) e assessor de imprensa (1997-2005).